

Odes

de Correia Garção

ÍNDICE:

- Ah! De que importa que o furor métrico
- Ainda que o céu sereno, o dia claro
- Amada lira minha, se algum dia
- Apenas hoje a sonolenta Aurora
- Aquele que guiado da Virtude
- Cercado de pedreiros, de vorazes
- Cercado estava Amor de mil Amores
- Com que fêrvidos rogos imaginas
- Com suaves carícias, brando, humilde
- De grande nome bárbaro desejo
- Delfim, caro Delfim! Com que ligeiro
- De Pafos nos altares agradáveis
- Depois de largo tempo, Amor, me veres
- Dormes, Jerusalém? Acorda, acorda
- Enquanto o pobre Tirse descansado
- Espírito celeste, que pesado
- Espíritos rebeldes que as intensas
- Ligado com aspérrimas algemas
- Não arábico incenso; ouro luzente
- Não fabulosa teia de mentido
- Nas despidas paredes que me abrigam
- O constante varão que justo e firme
- O dourar da manhã; do sol que nasce
- O varão justo que, Senhor, invoca
- Oh! mil vezes feliz o que encerrado
- Pelejei, pelejei (e não sem glória)
- Pois sabes que nas margens do Mondego
- Pois torna o frio Inverno, sacudindo
- Quando o terrível Deus dos exércitos
- Quantos, caro Pinheiro, noite e dia
- Quantos, Noronha ilustre, vão surcando
- Que bem fizeste tu, caro Macedo
- Que fácil é, com lápis e compasso
- Rompa-se embora do estelante assento
- Se em ricas urnas de ouro refulgente
- Se já ouviste, Sílvio magnânimo
- Se na eterna Sião onde ditoso
- Soberbo galeão que o porto largas
- Tu, difícil Virtude, dom celeste
- Vê, Sílvio, como sacudindo o Inverno

I

Aos Fidalgos que protegiam o Teatro do Bairro Alto

ESTROFE

Não arábico incenso, ouro luzente,
Nem pérolas do Ganges,
Não tenho que of'ecer-vos reverente,
Malhas, arneses, púnicos alfanges;
Mas soberbas falanges
De almos hinos dirceus, que imortais tecem
Mil c'roas à Virtude, me obedecem.

ANTÍSTROFE

Fuja o profano vulgo, qual nos montes
O rebanho medroso,
Quando vê fuzilar nos horizontes
O farpado corisco pavoroso:
Ouve o trovão ruidoso,
Correndo pelo vale se derrama,
E em seu balido o pegureiro chama.

EPODO

Nos mansos ares vejo
Já sobre as asas lúcidas pesados
Meus fogosos Etontes, que banhados
No doce, flavo Tejo
Os freios de diamante mastigavam,
Quando as Ninfas de rosas os c'roavam.

ESTROFE

Esta, que afino, cítara famosa
Deu-ma o Cisne do Ismeno,
Cujo canto em Elia vitoriosa
Foi sempre às Musas mais que o Pindo ameno:
Com semblante sereno
A mão nas áureas cordas me firmava,
E às argivas canções me acostumava.

ANTÍSTROFE

Assim digno me fez do levantado
Assunto majestoso,
A quem hoje me inspira a luz do Fado,
Que em meus versos lhe erija altar glorioso:

Brame o Tempo invejoso,
A foice morda e ameaça danos;
Mas meus versos dominam sobre os anos.

EPODO

Canto a ilustre e clara
Descendência de heróis que a lusa terra,
Ou na dourada paz ou dura guerra,
Fizeram mais preclara,
Cuja fama, em relâmpagos difusa,
Ainda fulmina os campos de Ampelusa.

ESTROFE

O heróico e real sangue vos inflama
Que regou, derramado,
Louros e palmas, que cultiva a Fama
Nos espantosos montes do Salado.
O bárbaro espantado
Deixa, fugindo à última ruína,
Arrasada de luas a campina.

ANTÍSTROFE

Que eterna glória, imensa luz cintila
Nas aras da Memória!
Ali Farrobo vejo, e vejo Arzila,
Destroçados despojos da vitória!
Da lusitana Glória
Escravas gemem, mostram, de horror cheias,
Ceuta, Larache e Tânger as cadeias.

EPODO

Para surgir no Oriente,
Está sonoras velas desferindo,
Do pátrio ninho impávida fugindo,
A brava lusa gente.
Arando o Gama vai, sem temer Juno,
Os inóspitos campos de Neptuno.

ESTROFE

De Albuquerque, Almeidas, Castro forte,
Que feitos não pregoa
A honrosa tradição, que espanta a Morte,
Que além dos tempos derradeiros voa!
Ásia respeita em Goa
O nome português, luzes divinas,

Que humilde adora nas sagradas Quinas.

ANTÍSTROFE

De tão honrados, ínclitos maiores
Vós netos generosos
Do fado das batalhas sois senhores:
Ilustres cavaleiros vitoriosos,
Espíritos briosos
Vos inspira o ardor que vos inflama,
'Té o grão templo conquistar da Fama.

EPODO

Mas já do batel pobre
Sinto a quilha gemer; o débil lado
Dos ventos e das ondas açoutado,
De alva espuma se cobre;
Remos não tem, não tem faróis que o rejam,
Debalde as velas contra o mar forcejam.

ESTROFE

Tempo, tempo virá que as desprezadas
Musas do pátrio Tejo,
Por vossas mãos benignas levantadas,
No porto vão surgir que 'inda não vejo:
Então, então sem pejo
Em grave cena adereçando a História,
Mostrarão quanto pode o amor da glória.

ANTÍSTROFE

Calçando o humilde soco, ao feio vício
A máscara rasgada,
Hão-de ensinar no cómico exercício
Como a Verdade, do alto Céu mandada,
De rosas coroada,
São máximas ditando ao povo rude
Espalha os claros raios da Virtude.

EPODO

O jugo vergonhoso,
Os cepos em que jazem prisioneiras,
Como escravas das Musas estrangeiras,
Com ânimo brioso
Desejam sacudir: serão louvadas,
Dignas então de vós, por vós honradas.

II

À Senhora D. Maria Joaquina de Gusmão e Vasconcelos

Pelejei, pelejei (e não sem glória)
Nas bárbaras, indómitas falanges
Do forte domador de humanos peitos,
Insano Amor potente.

A triunfal carroça acompanhando,
Angélicos cabelos enastrados
Com mirto e rosa, de corado pejo
Os alvos rostos tintos,

Mil garridas, mil cândidas Licores
Vencedor me juraram, me renderam,
Do riso e do prazer no Capitólio,
Humilde vassalagem.

Mas o tempo voou; agora manda
A nevada Prudência que, amainando
As velas enfunadas, surja o lenho
Em sossegado porto.

Larguemos pois altivos ardimentos,
Os soberbos troféus. Eia, larguemos
Arrastadas bandeiras, rotas armas,
Ilíacas escravas.

Aqui neste despido freixo anoso
Fique a sonora Lira pendurada,
Qual no Templo suspende o naufragante
Os húmidos vestidos.

Para ser mais solene o sacrifício,
Em vergonhoso cadafalso queime
Arrependida mão odes, sonetos;
Espalhe o vento as cinzas.

Ondada, crepitante labareda
Entre serras de fumo lance aos ares
O solto espírito de meus versos tristes:
Que em raio se converta.

Com medonho estridor desça inflamado,
Os fragosos outeiros abalando;
Assombre o peito de Marília ingrata,
Da pérfida Marília.

III

Sendo convidado o Autor para assistir a um pouco de ponche, que se havia de fazer no outro dia, ele quando veio trouxe esta Ode. A Lídia com que fala é a do Soneto XII, e a Manha a do Soneto II.

Pois torna o frio Inverno, sacudindo
Das estridentes asas gelo agudo,
As retalhadas mãos, amável Lídia,
Aqueçamos ao fogo.

Enquanto pelos montes, que branquejam,
As cristalinas cãs de anosos troncos
Com os raios do sol estão brilhando
Quais brilham de Marília,

Da travessa Marília, os ledos olhos,
À chaminé um pouco nos sentemos:
Já silvando entre ondadas labaredas
A seca lenha estala.

Conversemos, bebamos, murmuremos:
Contigo as Graças vêm, comigo Amores,
Que no varrido lar ao lume secam
As orvalhadas penas.

Os frouxos arcos bocejando largam,
E, nas cruéis aljavas reclinados,
Porque velam de noite, sonolentos,
(Coitados!) adormecem.

Ferve o cheiroso ponche, que desterra
A pesada tristeza, os vãos temores,
Que deixa voar solto o pensamento
Nas asas da Alegria.

Reluzindo na mesa os cristais limpos,
Nos pedem que bebamos, que brindemos:
Ora bebamos, Lídia; deixa aos Astros
O governo dos Orbes.

Não queiras triste penetrar a densa,
Caliginosa névoa do futuro:
Não percas um instante de teus dias;
Olha que o tempo voa!

Voam com ele nossas esperanças,
Castelos sobre nuvens levantados!
A mais pomposa cena da Fortuna

De improviso se troca!

Apenas vi raiar um doce riso
No angélico semblante de Marília,
Dos olhos me fugiu o lindo gesto
Que os olhos me levava.

Qual sonhado tesouro, em negra cinza,
Se tornou todo o meu contentamento:
Ah, Marília cruel! que te custava
Trazer-me neste engano?

Voai, feri, Amores, essa ingrata;
Fazei-a suspirar por quem lhe fuja;
Prove tormento igual a meu tormento:
Em vão, em vão se queixe.

Perdoa, Lídia, se blasfemo e grito,
Que ponche também faz dizer verdades:
É Manha formosa; mas ingrata...
Creio que o tempo muda.

IV

À Virtude

Ligado com aspérrimas algemas
Ao rígido penedo;
Com um agudo cravo de diamante
O peito traspassado;
Convulso o rosto e tinto em negro sangue,
Que brota da ferida;
As sonoras pancadas do martelo
Com que bate Vulcano
Nas cavernas do Cáucaso retumbam:
Porém constante e forte
Não geme Prometeu, antes acusa
A Júpiter de ingrato:
Inocente se julga; à força impia
Não cede do Tirano.
Assim, assim a mísera pobreza,
A contrária fortuna
Deve imóvel sofrer uma alma grande,
Oh Sousa esclarecido!
Varra o credor soberbo a pobre casa
C'o desabrido alcaide:
Dorme no duro chão tão descansado
Como no leito brando,
O intrépido Varão que do destino
Prova os fatais revezes.
Co'a dourada carroça o mole Eunuco
O pise ou atropele,
Não lhe inveja a riqueza. Que outrem lavre
Nas ribeiras do Tejo
C'os malhados bezeros longa terra,
Não lhe acorda a cobiça.
Vente embora do Sul; caindo, açoite
Ao negro mar que brada
O pluvial Arcturo; a vara creste
Do podado bacelo
Espessa chuva de árida saraiva:
Nada lhe abala o peito.
Enroscada no braço macilento
A venenosa serpe,
Chegue ao seio cruel a triste Inveja;
E a pérfida Mentira
Co'os titubeantes beijos o crimine:
Rirá no cadafalso.
Só dos delitos pode o vil remorso
Mudar-lhe a cor serena
Do tranquilo semblante. A mão potente

De quem o fez, só teme.
Os homens não receia, que a Virtude
O coração lhe anima;
E a consciência sã, a fé intacta,
Os austeros costumes,
Não fantásticas honras, isto ensinam.
Assim douram a morte
Os Uticenses, Régulos, os Mários.
Apesar do sepulcro,
Sobre as asas do Tempo assim passaram
As letárgicas ondas
Do rio sonolento. Assim c'roado
De gangéticas palmas,
O destemido Castro na alta serra,
Que templo foi de Cíntia,
Retirado vivia: a mão invicta,
Glória e terror da Ásia,
Os silvestres arbustos cultivava,
Subjugando a vaidade.
Passe à gineta o tímido guerreiro
Que com as armas limpas
Da batalha fugiu espavorido
Porque do sangue antigo
A árvore apresenta. Ainda que honrado,
O desvalido mostre
As roxas cicatrizes das feridas,
Que sofreu pela Pátria,
Dizia o grande Castro. O Lisongeiro,
Estudando o segredo
De agradecer desprezos, não se afaste
Da sala do Ministro.
Ali dourando o sol os altos montes
Na madrugada veja;
Ali o deixe a lua que, vermelha
No horizonte metida,
Estende os frouxos raios pelas ondas,
Se com pública fraude
Ao miserável órfão a capela
Subnegar-lhe pretende.
Aspire à beca o julgador iníquo,
Que aos olhos da Justiça
Roubou a santa venda que equilibra
Nas vendidas balanças
Os dourados delitos. Sofra e busque
A vergonhosa cena
Da súbita catástrofe o Privado
Que o rosto não conhece
Da clara Fama, da imortal Memória,
Da Honra e da Virtude.
Mas qual marpésia rocha, um peito forte

Não roga, não se abate.

V

À Virtude

O constante varão que justo e firme
Da difícil Virtude segue os passos,
O pesado semblante do Tirano
Não teme, não estranha.

Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes;
Ouça afiar na pedra o curvo alfange;
Sofra no potro aspérrima tortura:
Não perde a cor do rosto.

Em severos costumes ensaiado
Preza mais a inocência do que a vida,
Fiel à Pátria, ao Príncipe, aos amigos,
Acaba como vive.

Com pavoroso estrondo se desatem
Em vermelhos coriscos as estrelas;
Brote vulcões a terra: da ruína
Impávido não foge.

Assim Mário subiu ao Capitólio,
Entre águias e lictores conduzido,
Com aspecto sereno, inda que atadas
As roxas mãos em ferros.

Na presença de César e Conscriptos:
– «Fui, disse, fui fiel a Galba e a Roma;
Confesso o meu delito, se delito
À Virtude se chama.

«As legiões romanas testemunhas
Poderão ser: Vós, Cônsules, Tribunos,
A verdade dizei. Dizei se Mário
Foi amigo de Galba?

«Patrícios e soldados do divino
Júlio, às aras jurem se me viram
Sempre ao seu lado.» Ali, ali Camúrio
Alçou a mão traidora.

«Eu vi o triste velho descorado
A garganta ofecer ao duro golpe;
E inda da Pátria o nome repetindo
A grande alma fugir-lhe.

«Oh César! aqui tens de Mário Celso
O crime e a confissão: Romanos, Mário
Foi a Galba fiel! Vamos aonde
Está o cadafalso.»

Acabou de falar. Cônsules, Padres
Atónitos ficaram; porém César
De tão rara constância namorado
Nos braços o recebe.

VI

Ao Senhor Manuel Pereira de Faria, sócio da Arcádia

Vê, Sílvio, como sacudindo o inverno
As negras asas, solta a grossa chuva!
Cobre os outeiros das erguidas serras
Húmida névoa!

Na longa costa brada o mar irado
Sobre os cachopos; borbotões de espuma
Erguem as ondas; as cruéis cabeças
Na água negrejam.

O frio Noto, rígido soprando,
Dobra os ulmeiros, os currais derruba:
E o gado junto, pávido balando,
Une os focinhos.

Com duro frio Coridon tremendo,
A roxa face no surrão esconde;
C'os altos socos quebra a presa neve,
Corre à cabana.

Ali ajunta de podadas vides
Os secos molhos; assoprando acende
Pobre fogueira, aonde as mãos aqueça
C'os rotos filhos.

Pulam nos olhos lágrimas, que enxuga
Na grossa manga, reprimindo forte
Acerbas dores, reflexões pesadas,
Tristes memórias!

Eis que zunindo furacões horríveis,
A porta arrancam dos moídos gonzos:
Corre assustado dum fuzil que o cega
À luz vermelha!

Viu espalhadas víboras de fogo;
Ouviu, bramando, retumbar no vale
Os longos ecos do trovão, que abala
Os altos montes!

Vê-se partida do voraz corisco
A rica proa de um baixel britano,
Não lhe valendo cem canhões soberbos,
Que Nantes teme.

Rotas tremulam as reais bandeiras;
Rompem as ondas o infeliz costado:
Inútil pranto, tristes ais levanta
A lassa gente.

Agora, dize, quem seguro vive,
Amado Sílvia, da cruel Fortuna,
Se as altas torres, se as humildes choças
A morte pisa?

Os áureos tectos, dóricas colunas,
Quadros antigos, marchetados leitões,
Servem de Espectros, Górgonas, Cerastes,
Na fatal hora.

VII

Ao Beato Bernardo, Marquês de Baden

O varão justo que, Senhor, invoca
Teu Nome Santo, no deserto monte
Faz que rebente cristalina fonte
Da árida penha;

No fundo vale sua voz despenha,
Qual mole cera, líquidos outeiros;
Sonoros ventos, hórridos chuvaeiros
Plácido enfreia.

Baden o diga, quando a nuvem feia
Vermelho raio com furor rasgando,
Nos negros ares viu girar silvando
Trémula chama:

Por ti, Bernardo, triste povo clama,
E o fulminado frio corpo exangue
Da dura terra tinto em roxo sangue
Eis se levanta.

Assim armado de virtude santa
Serenos tornas os infestos ares,
Assim dominas insofridos mares,
Ávida morte.

Salve teu Nome do vibrado corte
Desamparados míseros humanos,
Que do castigo merecidos danos
Pálidos temem.

VIII

A S. Norberto, Bispo e Confessor

Espíritos rebeldes que as infensas
Aljavas fulminantes
Das feias legiões de nuvens densas
Armais de acesas farpas crepitantes,
Fugi para as distantes
Incultas brenhas do árido deserto,
Fugi do nome santo de Norberto.

Dos estelantes átrios desce armado
De medonhos rugidos
O Leão de Judá: no escudo alçado
Relâmpagos fuzilam, despedidos
Dos arcos desferidos
Que sobre Saulo atónito lançaram
Setas que dentro na alma lhe troaram.

Rota a névoa mortal que lhe encobria
O trono majestoso
Do Senhor das batalhas, que o seguia
(Astros trilhando o carro luminoso),
Conhece venturoso
A mão potente, a qual se toca os montes,
Abafa crespo fumo os horizontes.

Tu, Norberto, outro Saulo foste, quando
Intrépido e valente
O rápido ginete arremessando,
De improviso brandiu a nuve' ardente
Relâmpago estridente,
Que ao bruto, do trovão espavorido,
Deixou a poucas cinzas reduzido.

Cercada de pavor, da alma constante
Se humilha a fortaleza;
Vê cintilar o lúcido semblante,
Que adora consternada a natureza,
Quando a vingança acesa
Leva os cedros do Líbano frondosos
Nas asas de coriscos espantosos.

Caliginosas trevas já rompia,
E ao claro Firmamento,
De luz surcando pélagos, subia
No regaço da Fé o pensamento,
Ouvindo o claro acento

Com que lhe fala o Céu: e o mar irado
Tremeu do som terrível assustado.

Movido pois de nosso ardente rogo,
Desce, ó Norberto santo,
Dissipa com teu nome tanto fogo,
Ouve nossos clamores, nosso pranto;
E já que podes tanto,
Pede ao tremendo Deus que enfreia os mares
Que lance os maus esp'ritos destes ares.

IX

A S. Tomás de Aquino, Doutor e Confessor

Se na eterna Sião, onde ditoso,
Em prémio da vitória,
Te coroa o semblante luminoso
O Sol de imensa glória,
Tomás, ínclito Santo,
Voar a teus ouvidos nosso pranto,

Ao mundo os olhos imortais volvendo,
Atende a nossos danos:
Olha os ventos irados revolvendo
Os negros oceanos
De indómitas procelas
Que soltam em coriscos as estrelas.

Qual sem pastor o pávido cordeiro,
Ouvindo ranger perto
Do cerval lobo o dente carniceiro:
Assim do Inferno aberto
As fauces horrorosas
Vemos arder em nuvens tenebrosas.

Acode-nos, Tomás; lembre-te quando
A mão Omnipotente,
No trono de mil raios fulminando
O gume refulgente
Da abrasadora espada,
Sobre ti viste com pavor alçada.

A cândida Inocência, a Fé constante
Nos braços te sustenta,
Enquanto a roxa flama sibilante
Que súbito rebenta
Em torno te girava
E de fraterno sangue rociava.

Do fumo arando um mar caliginoso
Os olhos mal abriste,
– Espectáculo feio e lastimoso! –
Da mísera irmã viste
Jazer despedaçados
Os palpitantes membros fulminados.

As asas do Senhor, que te cobriram,
Que ileso te guardaram,
Não de luzente malha te vestiram,

Mas de poder te armaram
Para invicto valer-nos:
Pois chamamos por ti, vem defender-nos.

X

A S. Ubaldo, Protector da Cidade de Eugúbio, Bispo e Confessor

Quando o terrível Deus dos exércitos
Nas leves asas de Aquilões túrbidos
Sobre as altas cidades
Manda a procela horrísona:

Se vingadora solta a mão rúbida
As estridentes acesas víboras,
E se o fragor dos montes
Fremente no fundo pélago:

Ubaldo Santo, com rogos férvidos
Os Eugubinos te invocam pávidos;
Cercando teus altares
Gemem, quais pombas timidas:

A socorrê-los voas intrépido,
E da virtude no pavês rígido
Rota a farpada lança,
Foge c'o vento rápido.

Assim te chama Protector ínclito
A lassa gente; correm as lágrimas,
Qual matutino orvalho
Banha os frondosos plátanos.

Vem socorrer-nos: no árido cárcere
Os trovões presos bramam indómitos;
Tornem dourados dias,
Movam-te nossas súplicas.

XI

Ao Senhor Manuel Pereira de Faria, sócio da Arcádia

Se já ouviste, Sílvio magnânimo,
A minha pobre, rústica cítara,
Poucos, mas novos versos
Ouve com rosto plácido.

Ouve; que aos versos famosos títulos
Devem Eneias, Deífobo e Príamo;
Deve Ulisses prudente,
Deve Aquiles indómito.

O luso Gama nunca tão célebre
Fora no Mundo, só porque impávido
Os mares não sulcados
Cortou c'os lenhos côncavos:

Camões, eterno com os Lusíadas
Pôde fazê-lo, senão incógnitos
Os varões Portugueses
Jazeriam no túmulo.

Antes que as nossas, nos mares índicos
O férreo dente molharam âncoras
De quilhas europeias,
Cobertas de outras flâmulas:

Antes do Grego, doutros exércitos
Burnidos elmos viu brilhar Pérgamo:
Houve na frígia Tróia
Outro Ájax, outro Stenelo.

Nem só Elisa, de Eneias prófugo
Tingindo a espada no sangue tépido,
Trocou a doce vida
Por uma infâmia póstuma.

Nem só guisados os membros lívidos
Do caro filho, com rancor bárbaro,
Ao lascivo marido,
Progne ministrou pálida.

Em acções grandes de almas intrépidas
Foram, é certo, férteis os séculos;
Mas o negro silêncio
Sepulta os nomes ínclitos:

Negro silêncio, que os olhos lânguidos
Na vil preguiça fitando tímido
A letárgica língua
Corta c'os dentes ávidos.

Cobre a Virtude co'as asas lúbricas
O veloz Tempo, logo que ao féetro
Cede o passo a Lisonja,
Rasgando a torpe máscara.

Com tardos passos calcando os túmulos
O Esquecimento, da mão esquelida
Solta as confusas cinzas,
Que espalha o vento rápido.

Mas eu ingrato, Sílvia magnânimo,
Sofrer podia que o canto mélico
Esquecido deixasse
O teu nome magnífico?

De uma alma grande costumes cândidos,
Raras virtudes, génio pacífico,
Para serem eternos
Não precisam de mármore:

Pode um Poeta mais do que o Artífice,
Ou corte jaspe, ou cores líquidas
Largue o pincel no pano
Dos monumentos públicos.

Sempre com versos o furor délfico
A nobre vida dos varões ínclitos
Livra do vil contacto
Das mãos cruentas de Átropos.

Dos torpes vícios és censor rígido;
Tu os fulminas com olhos plácidos,
E entre nuvens de fumo
Foge a tropa fanática.

Da triste Inveja na testa pálida
Co'a forte planta pisa as víboras;
Bramindo, o negro círio
Quebra a Discórdia atónita.

Das mãos cobardes o metal fúlgido
Larga a Cobiça; com grilhões ásperos
Algemada a Soberba
Dobra o pescoço ríspido.

De ti fugindo caem no pélogo,
Onde a Tristeza com pranto lúgubre
Cercada de remorsos
Jamais enxuga as lágrimas.

XII

Aos Anos do Coronel da Artilharia Frederico Weinholtz

Com suaves carícias, brando, humilde,
Qual é por natureza,
As tenras mãos erguendo, o rosto lindo
Em lágrimas banhado,
Ao rigoroso Tempo Amor pedia
Que dos duros revezes
Do braço inexorável preservasse,
Que de doces prazeres,
De glórias coroasse e de venturas
Este ditoso dia.
Ora em laços de goivos e amaranto
A ríspida melena
Ao desabrido Velho entrança e prende;
Ora as aras lhe cinge
Com cheirosos colares de mil flores:
'Té que o rápido monstro
Avaro de ruínas e de estragos,
Soberbo e receoso
De alheias tiranias, c'um sorriso
Que seu rancor disfarça,
Outorga enfim a Amor quanto lhe pede.
Pela sanguínea fouce,
Que na mão lhe reluz, jura e promete
Que de Weinholtz aos anos
As Parcas fiarão dourados dias,
Cheios de imensa glória,
De prósperos sucessos, de venturas;
Que o gelado Danúbio,
Que de berço lhe dar se desvanece,
Com a cerúlea fronte
De agudas espadanas guarnecida,
De sangue rociado
O indómito Tridente, ao fulvo Tejo
Inda virá um dia
Ávido de mais fama demandá-lo.
Apenas Amor ouve
Tão afável resposta, as brancas asas
Três vezes despregando,
Aos ares se abalança; mas o Tempo
Alçando a mão pesada
Pelo cordão da aljava o suspendia;
E enquanto lhe tirava
Os dourados farpões, o cruel arco:
– «Estas cruentas armas
Impróprias são, lhe diz, da tua idade;

Para mim as reservo,
Em prémio das venturas que prometo
Ao teu Weinholtz mimoso.
Veremos se este braço também sabe,
Vibrando agudas setas,
Domar os corações. Agora voa,
Em doce paz nos deixa;
Deixa gozar o mundo de descanso,
Que tu, cruel, nos roubas.»
Amor as leves plumas sacudindo,
Já livre do tirano,
Batendo alegre as palmas, lhe dizia:
– «Não cuides, cruel Tempo,
Que meu invicto braço desarmaste;
Mais poderosas armas,
Mais forte passador tenho nos olhos,
No angélico semblante
Da formosa Bivar: com ele posso
A meu suave império,
Apesar do destino, ver curvado
O teu ríspido colo.
Então verei mil vezes sem receio
Tornar tão feliz dia;
Verei contar Weinholtz ditosos anos
Em próspero sossego
Nos ternos braços da gentil consorte.»
Ao Tempo assim responde,
Já sem temê-lo Amor; e o Velho, irado,
Num rívido penedo,
Que borda a ruiva praia de Caxias,
Rompeu a curva fouce.

XIII

À Restauração da Arcádia

Soberbo galeão que o porto largas
Aonde o férreo dente presa tinha
A cortadora proa, que rasgava
De um novo mar as ondas.

Ao alto pegu tornas nunca arado
Dos fracos lenhos que no Tejo surgem:
Já ferve a brava chusma e se levanta
A náutica celeuma.

Das douradas antenas penduradas
As velas já de púrpura desfaldam,
Que aos frescos sopros de um feliz galerno
Já côncavas sussurram.

A trémula bandeira que seguras
Qual súbito relâmpago fuzila,
E nas asas dos ventos estendida
Mostra a fatal empresa.

De branca espuma borbotões rebentam
De um lado e outro lado; já boiando
Sobre as verdes espáduas de Neptuno
Demandas outros climas.

O santo Númen que entalhado leva
Tua dourada majestosa popa
Trazer-te nos promete a salvamento:
Naufrágios não receies.

Não temas as inhóspitas areias
De infames costas, de hiperbórios campos;
Pelas Cícladas, Bósfores e Sirtes
Hás-de romper constante.

Se as alcíóneas aves levantarem
Em seu queixoso pranto triste agouro,
Não te assustes da nuvem carregada,
Que os mares escurece.

Grasnando negras gralhas enfiadas
Sobre os topos verás buscar a terra,
E logo o céu negar-te a escura noite
Da feia tempestade.

Mas não receies os fuzis vermelhos,
O ruidoso trovão, que pelas águas
Em sucessivos brados estalando
No fundo do mar soa.

A destra mão que o leme te meneia
Fará que avante passes, sem que amaines
O largo pano: em vão Noto sibila
Pela miúda enxárcia.

Os cabos passarás mais tormentosos,
Sem que as crespas correntes te atropelem;
Ao pólo chegarás aonde brilha
A luz da eterna Fama.

Em vão ronceiras, bárbaras galeras,
Forçando os débeis remos com que açoutam
O mar que lhe resiste e que as afronta,
Trabalham por seguir-te.

Desarvoradas voltam, não se atrevem
A cometer o pélagos que surcas:
Com danados prognósticos agouram
Desastrado sucesso;

Ora contam que os mares infamaste
Com vergonhoso, mísero naufrágio;
Que as fulminadas vergas rotas jazem
Nas ceráuneas areias.

Mas tu constante, impávido triunfas;
E com louros no Ménalo cortados
Enramaste os riquíssimos paveses:
A forte gente c'roas.

Se os meus votos escuta o Céu benigno,
Os votos que por ti no porto faço,
Os olhos alongando pela esteira
Que tu nas águas abres,

Não tornes a surgir em manso porto,
Que Letes seja o seu famoso nome,
Que os peitos amolece mais briosos,
Que ao sono te convida.

Não se nutre a virtude do descanso;
Árduas empresas, ríspidos trabalhos,
Em nobre coração de imortal glória
Acendem claro lume;

O claro lume, que apagar não podem
Nem descarnada mão da triste Inveja,
Nem a foice cruel do voraz Tempo:
Não chega a tanto a morte.

XIV

Aos anos da Ilustríssima e Excelentíssima Senhora D. Leonor de Almeida

Cercado estava Amor de mil Amores
As estridentes setas empenando,
De verde mirto, de cheirosas flores
Os arcos enramando.

Qual o brilhante gelo sacudia
Das crespas asas sem cessar batendo,
E qual conserta a aljava, e na água fria
Curvado se está vendo.

Pelos nodosos troncos dos loureiros
Os dourados farpões muitos provavam,
Outros mais insofridos e ligeiros
Em bandos se espalhavam.

Então Amor a doce voz alçando,
Que só de ouvi-la os montes estremecem,
Os velozes frecheiros convocando,
Que prontos lhe obedecem,

C'um doce riso, c'um celeste agrado,
Que os ventos serenava, lhe dizia:
«– Hoje do céu nos traz o sol dourado
De Alcipe o claro dia.

«Foi hoje, foi que em seu gentil semblante
Amanheceu a luz da formosura;
Nunca tão bela aurora e tão brilhante
Rompeu a noite escura.

«As lindas Graças, os fiéis Amores,
As Virtudes gentis dos Céus baixaram;
E cantando as acções dos seus maiores,
O berço lhe embalaram.

«Nos olhos vencedores lhe infundiram
O tirano poder da gentileza;
Humanos corações logo sentiram
A liberdade presa.

«As castas Musas, cheias de alta glória,
Às áureas vozes deram tal doçura
Que os louros não perderam da vitória
Faltando a formosura.

«Crescem co'a idade os raios seus brilhantes,
Que a férvidos suspiros não atendem,
Apesar de desejos anelantes
Que em seu altar se acendem.

«Mas tempo inda virá que os inocentes
Olhos formosos seus a nós volvendo,
Os cruentos virotes reluzentes
Queira espalhar vencendo.

«Então, a nosso império subjugados,
Os míseros mortais arrastaremos,
Os corações das pontas traspassados
Nas mãos lh'of' receremos.

«Enquanto a densa névoa do futuro
Nos rouba a luz de tão feliz instante,
Por mais que as asas mova o Tempo duro,
Intrépido e arrogante,

«Da Ilustre Alcipe bela o claro dia
Pertendo assinalar com faustas glórias,
De nossos arcos o Destino fia
O louro das vitórias.

«Alague o Mundo fino pranto ardente,
Voem suspiros, voem mil clamores;
Chovam por toda a parte de repente
Agudos passadores.

«Rotos peitos a míseros humanos
Ao doce golpe entreguem manietados;
Suspirem por seus olhos e seus anos,
Em lágrimas banhados.

«Alcipe só remédio seja
A chaga tão mortal e tão gostosa,
E no seio cruel afogue a Inveja
A serpe venenosa.

«O cruel Tempo quebre a fouce dura;
E o Sol girando os seus Frisões ufanos
Nos traga sempre cheios de ventura
O dia de teus anos.»

XV

Nas despidas paredes que me abrigam
No tormentoso Inverno
A passagem do Grânico não vejo
Em fina lã tecida.
Nem mármore, nem pórfidos luzentes
Nos alizares brilham.
Não tine do Japão na parca mesa
A rara porçolana.
O dourado saleiro não me cega
C'os trémulos reflexos.
De prata não se acendem mil bugias
Em tortas serpentinadas.
Porém Virgílio, Sófocles, Homero,
O venusino Horácio,
São as ricas alfaias que me adornam
A sala majestosa,
Os soberbos escudos em que pinto
A geração ilustre.
Eles fazem que Ansberto generoso
Seu amigo me chame;
Que o Sousa marcial com puro estilo
Gracejando me escreva.
Guarde a terra avarenta nas entranhas
O ouro refulgente.
O Mineiro na roça aflito cave
C'os sórdidos escravos;
Por ignotos sertões exponha a vida
Do bárbaro Tapuia
À seta venenosa, à veloz garra
Do tigre mosqueado;
Sofra na Linha podre calmaria,
Relâmpagos e raios;
Para na aldeia entrar acompanhado
De descalços trombetas,
De purpúreas araras, inquietos,
Petulantes bugios.
Gaste pródiga a mão, em poucas luas,
O ganho de dois lustros,
Para a vermelha Cruz brilhar no peito,
Que os fardos incurvaram.
No tugúrio paterno não cabendo,
Palácios edifica
Alastrado com pedras o caminho.
Do guindaste as roldanas
C'o peso do venal escudo gemem
Que o pórtico remata.
Estúpido, não sabe que apressada

A pálida Doença
Atrás dele caminha: que já chega,
Involta em parda névoa,
A Morte inexorável, derramando
Co'a fria mão angústias,
Que o leito de cruéis fantasmas cerca,
E que lhe arranca as chaves
Do guardado tesouro; que o reparte
Pelos rotos herdeiros.
E qual sangrado rio enfraquecido
Torna a gastar-se em sogas!
Com ouro não se compra um nome digno
Da póstuma memória.

XVI

Ao Padre António Delfim

Delfim, caro Delfim! Com que ligeiro,
Lúbrico pé, a curta idade nossa
Nos vai atropelando! As horas voam,
Os dias não sossegam!

Quais horríssonos Euros insofridos
Varrem da longa praia a ruiva areia,
Que nas húmidas asas crespas ondas
Indómitas revolvem,

Assim o Tempo segador, co' a fouce
Daqui, dali talhando a débil gente,
Lança no vasto golfão do sepulcro
As pálidas espigas.

Em vão fugindo da estrondosa guerra,
Se acaso tu, Delfim, calvo não fosses,
Co' a sonora navalha decotaras
Ondados fios de ouro.

Em vão a loba e sobrepeliz vestindo,
Mostrando do Loreto no alto coro
Inchadas do pescoço as cordoveias,
Bradando salmearas.

A Morte, a fria Morte, nunca falta;
Ou cedo, ou tarde chega: todos devem
Humilhar a cerviz: poltrões covardes,
Coléricos Aquiles.

Com mão pesada abola, talha e rompe
Grevas, arnezes, malhas, bacinetes;
Por baixo do fraldão crava o buído
Estoque refulgente.

Soberba arrasa com fragor horrendo
As fundas cavas, os merlões erguidos,
Assolando cidades e províncias,
A toda a parte voa.

Curvados anciões, moços esbeltos
Corta c' o mesmo gume: honras, tesouros
Não lhe pegam no braço; os altos tectos,
Pobres cabanas pisa.

Debalde Gabilhon c' o destro pente
Mete em batalha juvenis cabelos;
Debalde enrola o escaldado ferro
Os mártires topetes.

O frio branco gelo, que não tarda,
Súbito põe a marca da idade;
E poucas, alvas cãs o gesto mudam
Dos enfeitados cepos.

As brandas Lílias, as gentis Filenas,
Todas fogem de vê-lo; todas fogem
Dos olhos sem pestana, regalados
Das crespas sobrancelhas.

Os teimosos achaques, tristes dores,
Catastas são dos entrevados membros;
Frouxos desejos morrem de garrote
Às mãos da Hipocondria.

Não é preciso que venal profeta
Aponte com o dedo para a cinza:
Para velhos não há melhor caveira
Que o vidro de um espelho.

Só tu, Delfim, cansados anos contas
Sem sinais de velhice; inda não ouves
O tremendo pregão da Eternidade,
A trombeta da Morte.

Sobre o telhado teu não pousam estes
Pássaros agoureiros, que bradando
Com espantosos guinchos, anunciam
A derradeira aurora.

Nunca velho serás: livre de brancas
A deserta cabeça calejada,
Não se deixa trilhar das leves rodas
Da carreta dos anos.

Sem olhar para a meta da carreira,
De Arquimedes no ponto se está rindo
Britano capitão, que submergido
Em láudanos do Douro,

Amarrando o timão, entrega a quilha
Aos rijos ventos, aos cavados mares;
Não ouve as roucas vagas que, mugindo,
Os pólos estremecem.

Venha, se quer, a pálida Doença
A fria Morte pela mão trazendo:
Não te espantes de foices e relógios,
Nem de asas de morcego.

Apresenta-lhe a calva, que te mostre
Onde as brancas estão? Carão lustroso,
Olhos azuis, rosadas faces, alvos
Os cristalinos dentes,

São constantes sinais da fresca idade,
São de forças viris a tabuleta;
E, pródigo colono, a sábia Morte
Não colhe fruto verde.

Triste de mim, que peço e já maduro,
Nos grisalhos monetes do topete,
Nas carcomidas pérolas da boca,
Nas obstinadas rugas,

Já vejo revoar os tristes mochos,
Que são da fatal hora miqueletes!
Cruel tristeza! Mais cruéis memórias!
Perdidas esperanças!

Os filhos e mulher, tudo cá deixo:
Só levo na garganta atravessado
O venusino Horácio, a calva tua,
A rainha das calvas.

XVII

À morte de José Gonçalves de Moraes, sócio da Arcádia

Se em ricas urnas de ouro refulgente,
Árcades saudosos,
As frias cinzas de Leucácio Fido
Com as lágrimas nossas
Não podemos guardar: em nossos versos,
Do Ménalo nos troncos
Seu nome escreveremos, seu bom nome
Das Graças suspirado
E das quebradas águas deste monte
Chorado e repetido.
Estremecem os pinhos, sacudidos
Dos ventos, que sibilam;
O gado espantadiço se derrama
Pelos crestados campos;
Ao longe estão latindo roucamente
Quebrantados rafeiros;
E em tão triste alarido nos parece
Que das cortadas rochas
O eco nos responde: «Fido, Fido!»
Nas solitárias praias
Bradando, o negro mar «Fido» responde:
Por Fido nós chamamos.
Aonde estão, Arcádia, os teus serenos
Afortunados dias?
Quando vermelho o Sol atrás da serra
O rosto de mil raios
Formoso levantando por teus vales,
Dourava alegremente
As sonoras folhas inquietas
Das faias levantadas?
Ali, tocando a fístula divina
Que os ventos escutavam,
De gado e de pastores rodeado,
Senhor nos parecia
De nossos corações, de nossos olhos,
Do Ménalo, da Arcádia!
Mas que fado cruel tanta ventura
Das nossas mãos arranca?
Que noite pavorosa está cobrindo
Os ares deste campo?
Que frio gelo prende as claras fontes
E corta a fresca relva?
Foges, foges de nós, Pastor amado?
Nossas pobres cabanas,
Nossas frutas e nossos doces versos,

Acaso te aborrecem?
Tocas do manso Tejo, que te escuta,
As margens deleitosas
Por ásperos sertões, por longos mares,
Por férvidas areias,
Com que malignos climas te convidam
E invejosos te chamam?
Ah triste Arcádia, triste e desgraçada!
Que detestáveis erros
Contra o Céu cometeram teus pastores?
Que lúgubre destino
A tão duro castigo te condena?
Sacrílegos erguemos
Com ímpia mão as campas respeitadas
Dos defuntos maiores,
Para às feras lançar os brancos ossos,
Que em santa paz descansam?
As vítimas divinas arrancámos
Dos sagrados altares?
Ou que raio caiu sobre estes campos,
Que mais a ver não tornam
O suave pastor, o claro Fido
Que viram tantas vezes?
Maldito seja aquele que primeiro
Fiou de curvos lenhos
Ávidas esperanças, sede infausta
De enganosas riquezas!
De mármore marpésio, rijo bronze
Tinha o peito forjado
Quem, ruidosas velas desfraldando,
Fugiu do manso porto,
Sem de Áfrico temer a rouca fúria,
Quando açoutando as ondas
C'os negros Aquilões forte contende!
As cruéis tempestades,
Híades tristes, cabos tormentosos,
E o pego embravecido,
Ou intrépido ou louco, não temia!
Os mortais atrevidos
Nada julgam difícil! Entregamos
Nós mesmos os pescoços
À sanguinosa fouce, à mão pesada
Da Morte inexorável!
Em soberbas colunas levantamos
Magníficos palácios:
Nem que a riqueza, a honra ou a vanglória,
Com refulgente escudo
De rígido diamante, nos pudessem
Cobrir a fatal hora!
Escondem frias loisas igualmente

Os ceptros e os cajados!
Tudo deve acabar. Ó claro Fido!
Em eterno sossego
Tua cinza descansa; a terra estranha
Pesada te não seja.
Se lá no monte eterno a que voaste
Se escutam nossos versos,
Em nossos versos ouvirás teu nome.
Teu nome cantaremos,
Para honrarmos os versos que cantamos,
Para honrarmos a Arcádia.

XVIII

Cercado de pedreiros, de vorazes
Carpinteiros, ladrões ou cervais lobos,
Que a bolsa me atassalham, que esfaimados
A fêria me apresentam;

Quais buídos punhais, negros trabucos,
Daqui, dali recrescem garatujas!
Assestados canhões que poderiam
Bater os Dardanelos!

Severo Radamanto, o sujo mestre
A postiça gadelha afasta e puxa,
E os encovados olhos revirando
Alça o rol da madeira.

Debalde o rosto viro e do medonho
Espectro sanguinoso fugir tento;
Que Sila mais cruel, o rol de areia
O beque me descose.

Sibilantes petardos, doutra parte,
C'o tijolo me quebram os ouvidos!
Jornais, carretos, cal, são mil pelouros
Que silvam pelos ares.

Com a perna ferida, co'as fileiras
Da vanguarda já rotas e medrosas,
Nas andas inda mostra o grande Carlos
Indómita constância!

À vista de soberbos Castelhanos,
Com poucas tropas, com bisonha gente,
Sustenta Lippe a ruiva e fresca margem
Do Tejo caudaloso!

Mas estes mesmos, ó Macbean amigo,
Se ante seus olhos vissem as carrancas
Dos leões carnicheiros que me cercam,
Voando fugiriam.

Tu mesmo co'a britana artilheria,
Deixando botafogos e espoletas,
E os dourados rabões esporeando,
O posto lhe largaras.

Pode mais um credor que um elefante,
Não há tromba mais dura que uma fêria;

E se queres vencer os Alexandres,
Eugénios e Turenas,

Não busques grevas, morriões, paveses,
Põe-lhe diante o mercador c'o resto,
O alfaiate, o barbeiro ou um alcaide:
Verás como desmaiam.

E se ainda vãos projectos cometerem,
De cruentas vitórias nunca fartos,
Dá-lhe o desenho de uma nova escada
E dize-lhe que a façam.

Eis aqui como fico sem lograr-me
Da boa companhia que te cerca:
Tu, que escadas não fazes, passa alegre
A noite desabrida.

Em brilhantes cristais a roxa espuma
Do suave licor do Reno ou Douro
Te apresente sorrindo o fulo Same,
E tu vermelho bebe.

Bebe à saúde da formosa Filis,
Do magnânimo Conde, a quem Neptuno
Namorado de seu valor lhe entrega
O ceptro cristalino.

Os dous Weinholtz, que Marte tanto preza,
Da cova porçolana que retine
Co'a boiante colher tirem o doce,
Almo, fêrvido ponche.

E se do pobre Coridon vos pode
Merecer compaixão a triste história,
Fazei-lhe uma saúde que lhe sirva
Ao menos de epitáfio.

XIX

Ao Senhor Gaspar Pinheiro da Câmara Manuel

Quantos, caro Pinheiro, noite e dia
Curvados sobre os livros,
A triste vida gastam na esperança
De uma vermelha borla,
Da vara e da golilha? Honra que chega
Já quando as cãs alvejam
Na mirrada cabeça. Quantos morrem
Por frenéticas palmas
De cruentas vitórias? Descorado
No raso campo treme
Com frio susto à vista do inimigo
O mísero soldado:
Co'a música mistura dos batidos
Horrisonos tambores
Os últimos suspiros. Pelos ares
Pelouros assoviam;
C'o tropel dos cavalos freme a terra;
Do pó e crespo fumo
As enroladas nuvens escurecem
O resplendor do dia:
Isto aos Carlos agrada, aos Fredericos,
Eugénios e Turenas!
Em frágil lenho entregue a longos mares,
O mercador avaro
Luta co'a morte; rasgam negros Austros
As prenhes nuvens; brilha,
Entre a rouca saraiva, o retorcido
Crepitante corisco;
Estala a fraca verga, a rota vela
Ondeando sussurra:
E a fome de ouro tudo faz mais doce,
Que a lívida pobreza!
Outro, com o martelo, os cadeados
Despedaça do cofre
Que do incansável pai o curvo arado
Tirou da dura terra:
Vai perdê-lo num dia, porque gosta
De brincar com três dados!
Aquele só se alegra e se diverte
Co'as béglicas pinturas:
Sonha com Rafael e Ticiano,
Enquanto o astuto adelo
Na frágil tábua com o dedo mostra
A testa de Medusa.
Este, na alcantilada serra corre

O javali cerdoso;
Os sabujos britânicos latindo
No fundo vale assustam
A quieta pastora, que aturdida
Larga da mão o fuso.
Outro, na rica mesa rodeado
De vorazes amigos,
Em brilhantes cristais, de Douro e Reno
O roxo sumo bebe,
'Té que dos altos cumes dos oiteiros
Caia a nocturna sombra.
Eu porém nada quero, nada estimo
Mais que a dourada Lira.
Se os pastores do Ménalo sagrado,
Se os loureiros da Arcádia
Os meus versos escutam, os meus versos
Me separam do vulgo:
Na testa cingirei livre de inveja
De hera frondente c'roa;
E, com lésbico plectro ou venusino
Ferindo as áureas cordas,
Arcádia cantarei: o pátrio Tejo
Atenda ao novo canto
Com a verde cabeça goteando
Na urna recostado.
Se aqui chegar, que Radamanto pode
Negar-me o nome eterno?

XX

Ao Senhor Gaspar Pinheiro da Câmara Manuel

Que fácil é com lápis e compasso
Desenhar no papel uma cidade
De cavas e merlões circunvalada,
Soberba, inacessível:

Executar porém a grande planta
É trabalho de um rei, caro Pinheiro,
De Ulisses, de Lieu, do pio Eneias,
Dido, Rómulo e Remo.

Quando tu no alto pego ouves zunindo
Pela miúda enxárcia Africo ou Noto,
Que ferras todo o pano, que manobras
Impávido e prudente,

Se de longa experiência aconselhado
Não mandasses constante, que valera
Ter no tanque de Sintra exposto ao vento
Fragatas de cortiça?

Todos, todos clamamos que se observe
O que dita a razão e a natureza,
E as santas decisões que nos promulga
A católica Roma.

Ninguém se julga bárbaro; mas vemos
Lançar fumo o punhal, em sangue tinto
Na mão do matador; vemos roubados
Os sagrados altares!

Com danada malícia, uns aos outros
Enganar pretendemos: falso gesto
É o trunfo do jogo, da amizade
Hipócrita verdugo!

Na magnífica mesa em cristais ricos
Trasborda a loura espuma do suave
Vinho de Chipre; alegres convidados
Ao grande amigo brindam;

Levantam as recíprocas saúdes
Terníssimos colóquios; mas depressa
Esta cena se muda, e da Discórdia
Rola o dourado pomo.

Pelo arbítrio de Páris não se espera;
Nua a espada brilha e fere; corre
O sangue quente, e os copos em pedaços
Espalhados retinem.

Que mais faria o pérfido Argelino,
Se c'ó estreito chaveco abalroara!
Talvez que nele achasse mais demência
A pobre humanidade.

Se na Hircânia ou no Cáucaso nascidos
Os homens fossem, não seria estranha
A traição, o rancor, a triste inveja,
A ríspida soberba.

E fora, pois já viu a antiga Roma
No tirano espectáculo de circo
Esfaimado leão lamber as plantas
Do amigo descorado.

Oh Amizade, oh dádiva celeste!
Enfadada de nós, de nós te ausentas!
Abriste as brancas asas que sonoras
Nos ares te sustentam.

Já sobes, já te elevas, já te escondes,
Ora sereno o voo, ora apressado,
Nos' imensos espaços, onde giram
Outros sóis, outros mundos.

A luz do dia foge: fica a terra
A seu antigo caos reduzida:
Mas, dentre as grossas trevas apalpando,
Eis se ergue o Fingimento.

Os cândidos vestidos da Amizade,
Co'as negras mãos levanta aos torpes membros;
Nas fantásticas roupas disfarçado,
Engana a cega gente.

Com estreitos abraços se recebem
Os fingidos amigos: filho chama
O tirano tutor ao desfalcado
E mísero pupilo.

E nesta tenra idade, fracas almas,
Almas em feios vícios atoladas,
Como podem guardar as leis austeras
Da pávida Amizade?

É fácil ter de amigo o santo nome,
E sustentá-lo com civil aspecto;
Mas que ao chapéu o coração governe,
É etíope branco!

A língua que te salva quando raia
No vermelho horizonte o sol dourado,
Antes que a sombra caia dos outeiros
Te insulta, ou te crimina.

Desastrados rafeiros que só mordem
Os pobres remendados; porém, vendo
Os olhos fuzilar do roaz lobo,
A cauda desenrolam.

Não se encontram Euríalos e Nisos,
Castor e Pólux, Pílates, Orestes;
Nem para renascer a extinta raça
Esperes nova Pirra.

Mais fácil é que Cadmo resemee
Os dentes do dragão e que rebentem
Da terra depravada enfurecidos
Armígeros guerreiros.

XXI

Com que fêrvidos rogos imaginas,
Caro ilustre Macbean, que ao Céu clemente
Cansa um Poeta? Crê-me; não lhe pede
Magníficos palácios.

De pouco se contenta; não cobiça
Do fulvo Tejo arar as férteis margens,
Onde sonora freme a loura espiga
Dos Euros açoutada.

Os rufos touros, as malhadas vacas
Dos campos transtaganos não deseja,
Nem índico marfim, ouro brilhante,
Nem pérolas do Ganges.

Afouto beba o mercador em taças
De esmeralda e safira o licor almo
De Chipre e de Falerno, já que os mares
Parece que governa.

Impune três e quatro vezes rompa
Cada ano o Golfão; desfraldando as velas
Impávido cometa infames costas,
Inóspitas areias.

Não lhe invejo a fortuna, pois me basta
Passar a curta vida retirado
Na Fonte Santa, ao som da clara veia
Urdindo novos versos.

Divina Providência, tu bem sabes
Quão pouco te molestam meus desejos:
Não quero mais que ver na frugal mesa,
De filhos rodeada,

Um limpo copo, com que nesta grande
Noite, só para mim próspero dia,
Possa alegre brindar aos faustos anos
Do heróico São Vicente.

Com mais pouco se mata a crua fome;
Para fazer seu grande nome eterno,
Ou pobre ou rico viva, tenho a Lira
Do cantor de Venusa.

Enquanto, ó Conde, as bélicas virtudes
Que herdaste de teus ínclitos maiores

No regaço da paz jazem tranquilas,
Preparo os epinícios.

Tempo depois virá que, desferindo
Em áurea popa as lusitanas Quinas,
Arrasadas as águas de turbantes,
Te c'roem mil vitórias.

De negro sangue as armas rociadas,
Arrastados trarão ao luso Trono
Os mouros capitães, nas duras costas
As roxas mãos atadas.

Se as estrelas então me consentirem
Tuas acções cantar, da fria Morte
Verei luzir a fouce, satisfeito
Da glória e da fortuna

XXII

Aos anos do Senhor José Carlos Mardel

Apenas hoje a sonolenta Aurora,
Entre as rosadas nuvens que abafavam
Da alcantilada serra os altos cumes,
Mostrava a manhã fresca,

Uma inquieta tropa de vendados,
Lindíssimos Amores se alojava
Do fulvo Tejo na arenosa praia
Que adorna a grão cidade.

Arneses, malhas, grevas e loricas
Veste a soberba juvenil falange;
Dos áureos elmos com as torcidas plumas
Zéfiro empena as asas.

Ao rouco som de horrisonos tambores
Que numa e noutra margem retinia,
A brava gente ferve; qual puxava
A rápida coluna;

Qual marcando redutos e trincheiras
Na ruiva areia crava as áureas setas;
E qual levanta c'ò alvião pesado
Merlões e plataformas.

Os tirantes de púrpura atesando,
Outros arrastam sagres, falconetes,
Que em altas baterias assestados
Afrontam todo o mundo.

Então Amor, alçando a mão tirana
Onde a farpada ponta fuzilava,
Manda jogar os fêrvidos morteiros,
E rompe nestas vozes:

– «Esta alegre resenha, companheiros,
A tão próspero dia é consagrada:
Hoje a Mardel gentil as duras Parcas
Fiam dourados anos.

As roxas balas que nos ares silvam,
Das bombas as sonoras espoletas,
As ruidosas granadas fulminantes,
Tudo, seus anos louvam.

O bélico ruído aos mesmos astros
Ensina a repetir seu claro nome:
Os mesmos astros, quais seus olhos brilham,
Cintilaram com ele.»

Disse: e da terra súbito levanta
Dos hórridos canhões o negro fumo,
Qual Encélado montes sobre montes,
Ou nuvens sobre nuvens.

Mas eis que o cego Nume a cena corre:
Não vi na lisa areia mais que o fumo
De míseras entranhas palpitantes,
De corações feridos.

Que abrasados queixumes, que soluços,
Oh! Que doces suspiros que soavam,
De manietadas Ninfas que, rendidas,
Jazem no duro campo!

As linhas, os ramais, as colubrinas
Outra cousa não são mais que seus olhos,
Que seus olhos azuis, alvo semblante,
Que seus louros cabelos.

Fugi, Ninfas, fugi daqueles olhos,
Neles afia Amor seus passadores:
Fugi, Ninfas, fugi, que seus cabelos
São as vulcâneas redes.

XXIII

Aos anos de Arminda

Pois sabes que nas margens do Mondego
Amor, que é grão poeta,
A cantar brandos versos me ensinava
Quando preso me tinha,
E, vítima chorosa, as aras cruas
Banhei c' o sangue quente
Do noto coração, das rotas veias,
Que abriam seus virotes:
Não estranhes, Senhora, que os furores
Do génio sibilino
Me forcem a louvar o claro dia
De teus ditosos anos.
Ao santo Templo da imortal Memória,
Sobre as asas da Fama
O desejo levar; quero que chegue
Aos séculos futuros
Cercado de relâmpagos e raios,
Com que os Vates fulminam
Da Inveja triste as assanhadas serpes
Que em torno lhe sibilam
Do lívido semblante descorado,
Dos olhos furibundos.
As estofadas ondas sonolentas
Do Letes vagaroso
Verão passar mil vezes tão bom dia
De estrelas coroadas.
Virão, como hoje vêm, a teus altares
Render devoto culto
Os míseros amantes desmaiados,
Em suas mãos trazendo
Inda quentes entranhas palpitantes
E corações fumando.
Outros Tirses e Elpinos namorados,
Outros Lícidas Cíntios
Prostrados erguerão queixosos hinos,
Rasgando os mansos ares
Com férvidos suspiros, com seu pranto,
Que tu, cruel, desprezas!
Só não sei se haverá outra Silvandra,
E que, vestal do Templo,
No sonoro rebolo o fatal gume
Afie da bipene
Com que desfecha os golpes nos solenes,
Cruentos sacrificios,
Quando a gelada vítima estremece

E cerra os tristes olhos.
Hoje porém, que tão alegre dia
Com farta mão derrama
As delícias, prazeres e fortunas
Em toda a Fonte Santa,
E nas espáduas do ligeiro Noto
As Graças e os Amores
Com sonoro sussurro andam voando
À roda desta casa,
Deixa, gentil Senhora, que se mude
A cítara soberba
Em avena campestre, e que te ofereça
Humilde rendimento
De singela vontade e sãoos desejos:
Uma pobre galinha,
Um alvo ganso, que muito há que adeja
Para voar tão alto:
Ainda ele espera um dia transformar-se
Em constelação nova;
E co'as penas das asas rutilantes,
No azul etéreo assento
Escreverá de Arminda o doce nome,
Para ser entre os astros
De desejos, amores e suspiros,
O Norte luminoso.

XXIV

Enquanto o pobre Tirse descansado
Da Preguiça nos braços sonolentos,
Co'a boca meia aberta a sono solto,
Ou ronca ou se espreguiça;

Enquanto a torpe e vaga fantasia
Lutando com cansados pesadelos
Em verdes bancas pinta as louras marcas,
Lhe mostra o ás de copas;

Enquanto, atado ao duro e longo remo
Da galé com que surca fundos pegos,
Os calejados ombros dobra ao duro
Arrebém de comitre;

Enquanto crê que a Fonte Santa, alegre,
Com sonoro ruído solta as águas,
Só quando vê em seus quebrados olhos
Amor tremer com frio:

Em tanto o bravo Elpino, qual o fulvo
Famélico leão da grã Nonacria,
Atassalhando os pávidos rebanhos,
Traga famintos membros,

Assim vem, assim vê, assim subjuga
Rebeldes corações que, reduzidos
A poucas cinzas, qual o débil fumo
Em crespas nuvens voam.

Debaixo já da planta vencedora,
Em frio sangue sujos palpitando,
Abjuram de Mafoma, ou mole Tirse,
A imunda torpe seita.

Mas o pio Alexandre condoído
Da orfandade das míseras cativas,
Nas ricas almofadas, barba a barba,
Afável as recebe.

Oh que doces, que lágrimas contentes
Inundam negros olhos! Que suaves,
Que fêrvidos suspiros retinindo
Não voam pelo tecto!

Ah pobre Tirse! acode, que te pisam
Que teus campos já roubam, talam, queimam

Armados esquadrões doutros Amores,
Amores invencíveis.

XXV

Tradução de uns versos ingleses, feitos a um seu grande pintor

O dourar a manhã; do sol que nasce
Derramar os reflexos;
Pintar à sombra do cerrado bosque
A rápida corrente;
As cerúleas montanhas afastadas
Mandar que se levantem,
C' o vermelho horizonte confundidas;
Pela verde campina
O rebanho espalhar que anda pascendo;
Dos rachados penedos
Fazer que desçam caudalosos rios;
Que a criação formosa
Brote debaixo desta mão potente;
É a grande tarefa
Que só se atreve a descrever Sertório.
Mas quando sazoados
Aparecem os frutos de Pomona,
A produção amável
Do fértil ano; então a Natureza,
Porque se vê vencida,
Se mostra envergonhada: ó pincel raro!
Do que o sol mais fecundo,
C' o doce toque os pomos faz maduros;
Do Paraíso pode
A memória acordar; dar-nos seus frutos
Sem segundo delito.

XXVI

Não fabulosa teia de mentido
Gentílico Himeneu, ilustres Noivos,
Mas sagrada união dum Sacramento
Vos prende e vos ajunta.

Com católico rito abençoada,
A ditosa aliança nos promete
Dos Melos, dos Noronhas e Meneses
Heróica descendência.

As ilustres acções que a Fama espalha
Repetidas veremos: Torna, torna
A boa idade de ouro! A boa idade
Do nome lusitano.

Nas respeitadas campas dos honrados
Vossos claros Maiores subir vemos
As palmas e loureiros que regados
C'o sangue ilustre foram.

Dentre a copada rama se levanta
Estranho simulacro! Reverbera
No liso peito de aço o roxo Febo,
Que imensa luz espalha.

Levanta o forte braço a grande espada,
E da folha os relâmpagos assustam
As soberbas muralhas de Bizâncio,
De Tânger e de Arzila.

Mas que gentis guerreiros vejo agora
Concorrer para ouvi-lo! Ali lhe ensina
O táctico sistema; ali lhe mostra
As avitas façanhas.

Cerrados esquadrões desbaratando
Entre nuvens de fumo, as torpes luas
Eclipsadas vacilam! No ar ondeiam
As sacrossantas quinas.

Esta a prole será que a Pátria espera
De tão ditoso tálamo, que as Musas
Já desejam cantar: Já lhe preparam
Alegres epinícios.

XXVII

Oh mil vezes feliz o que encerrado
Entre baixas paredes
O tormentoso Inverno alegre passa;
Que de um pequeno campo,
Que ele mesmo cultivava, se alimenta
Apascentando as vacas,
Que da mão paternal somente herdou
C'os dourados novilhos.
Enquanto sobre a terra se reclina
Dormindo descansado
Ao som das frescas águas de um regato,
Horrorosos cuidados
O não vêm perturbar no brando sono;
A sórdida cobiça
Lhe não faz conceber vastos projectos;
Não pensa, não intenta
Atravessar o Cabo tormentoso,
Sofrer chuvas e ventos,
Ouvir roncar as denegridas ondas,
E ver na feia noite
Entre nuvens a Lua ir escondendo
O macilento rosto,
Por ir comerciar c'os pardos índios
E Chinas engenhosos.
A sede insaciável de riquezas
Não faz que exponha a vida
Nos desertos sertões às verdes cobras,
E aos remendados tigres.
Ah ilustre Soeiro, doce Amigo,
O ouro de que serve,
Se os anos vão correndo tão velozes!
Se a morte não consente,
Que a enrugada e pálida velhice
Com passos vagarosos
Nos venha coroar de néveas cãs?
O senhor opulento
Ao seu pobre vizinho encurte o campo
Que alegre cultivava;
Levantando soberbos edificios,
Arranque as oliveiras,
O choupo que sustenta as roxas uvas,
Para ornar seus jardins
De estéril murta, de cheirosas plantas;
O campo, que ondeava
Com as úteis e pálidas espigas,
Cubra de fresca sombra
Do espesso cedro, do frondoso louro;

Alegre vá passando
No seio das delícias e regalos.
Mas ah! que não adverte
Que as três filhas da noite, as ímpias Parcas,
Girando os leves fusos,
Lhe acabam de fiar os curtos dias!
Que a morte inexorável
Se chega ao rico leito em que descansa,
Mostrando-lhe entre sombras
A macilenta mão com que lhe pega.
Já entre mil angústias,
Entre os frios suspiros que derrama,
Acaba a triste vida,
Que intentava gozar por longos anos.
Só tu, filha do Céu,
Impávida Virtude, não estranhas
O aspecto da morte.

XXVIII

Ainda que o céu sereno, o dia claro
Doce prazer inspire
Aos míseros mortais, aos namorados,
Pesada escura sombra
O coração me cobre; feias trevas,
Onde a memória pasma,
Mais longa a saudade representam.
Nem sequer falsos sonhos
Com doce engano aquela luz me fingem
Por quem sempre suspiro.
Vem, bela Márcia, vem, porque em teus olhos
Me trazes sol e dia;
Em teus formosos olhos me amanhece
A mais gentil Aurora;
Em teus formosos olhos vêm os raios
Que douram estes montes,
Que a seca terra cobrem de mil flores,
Que no meu peito acendem
Doces desejos, doces esperanças,
Finíssimos amores.
Mas já Favónio fresco brandamente,
Dos álamos as folhas
Com seus sonoros sopros levantando,
A vinda me anuncia
Dos Vencedores olhos por que espero,
Dos olhos por quem morro:
Ah! que já chega Márcia, sossegai-vos,
Meus cansados desejos;
Sossegai, esperanças, que já vejo
Nascer o meu bom dia.

XXIX

De grande nome bárbaro desejo
Se o rico templo da triforme deusa
A poucas cinzas reduzindo espera
Ímpia memória,

É menos torpe, menos detestável
Tão feio crime, que imitar Horácio
Quem triste fama não quer dar às águas
C'o precipício.

Ora sereno como o sol dourado
De alegres cores todo o Mundo cobre,
Quando a cabeça de mil raios ergue
De trás da serra.

Mas outras vezes, rápido, parece
Aquilão trácio, que nos céus batendo
As negras asas, terra e mar envolve
Espessa chuva.

Sempre sublime, no Parnaso colhe
O digno louro que lhe adorna a testa;
Imenso génio, com ditosos voos
Píndaro alcança.

Ou cante a fresca nova Primavera
Dos grossos freixos sacudindo o gelo:
Serena a lua, as Graças vêm dançando
Com Citereia,

Enquanto, ardendo na árida oficina
Ao sibilante fuzilar da forja,
Mostram os sujos amarelos rostos
Os rijos Brontes.

Ou já crimine da civil discórdia
As mãos vermelhas com latino sangue:
Cala-se o Povo, pálida tristeza
Muda os aspectos.

Ou, branco cisne livre já da Estígia,
Sinta nascer-lhe rude pêlo, sinta
Já, já nos dedos, sinta já nos ombros
Cândidas penas:

Sobre as cidades voa, já descobre
Do tormentoso Bósforo bramindo

Partos e Citas, hiperbóreos campos,
Líbicas sirtes.

Ou já de Augusto mostra o valor nobre
Lavar de Crasso a vergonhosa infâmia
Que o vestal fogo, Roma, Capitólio,
Tinha esquecido.

– «Eu vi inteiros nossos estandartes,
As armas limpas, centuriões romanos
Co’as mãos atadas, Régulo dizia,
Vi em Cartago.»

Oh grande Horácio, sempre grande e forte,
Sempre sublime, rápido te eleva:
A nossos olhos súbito se esconde
Entre as estrelas.

XXX

Dormes, Jerusalém? Acorda, acorda,
Que chega a tua Luz: o sol divino,
As trevas dissipando, já cintila,
Já em ti nasce.

Opaca e negra sombra te cobria;
A glória do Senhor brilhantes luzes
Derrama sobre ti, sobre teu Povo:
Acorda, acorda.

Estende a vista por teus largos campos,
Vê, vê a imensa gente que te cerca:
Todos o grande instante suspiravam,
Todos o esperam.

Olha as fortes Nações que vêm buscando
O resplendor que espalhas: denso fumo
O incenso de Sabá ardendo exala
Em teus altares.

Ouro e mirra, monarcas humilhados
Já com pródiga mão ali te of'recem;
Os olhos baixos, curvos os joelhos,
Teu Templo adoram.

Abertas tuas portas já recebem
Dos mais remotos climas os tributos;
Já os rebanhos de Cedar alvejam
Nas altas serras.

Tudo porém se cala; que profundo,
Respeitoso silêncio! Vem, já chega
O Príncipe da Paz, Deus admirável
Filho do Eterno.

Uma Virgem pariu: fez-se Deus homem;
Do tronco de Jessé rebenta a vara;
Lá desce sobre a rama abrindo as asas
Mística pomba.

Já vem o Salvador anunciado
Por divinos oráculos; abaixam
Já no Líbano os ramos incorruptos
Os altos cedros.

Densa nuvem de incenso em Saron sobe;
O cume do Carmelo âmbar respira;

Já ferve a branca espuma que rebenta
De áridas penhas.

XXXI

Ao Ex.^{mo} Conde de Oeiras

ESTROFE

Tu, difícil Virtude, dom celeste
Que meus hinos governas,
Tu que, sereno o rosto,
De Cévola puseste a mão no fogo,
Que, invicta, não receias
De purpúreos tiranos a presença,
Que Régulo mandaste
Pelos cepos trocar a liberdade,

ANTÍSTROFE

Tu me chamas aqui para em meus versos
Da venturosa Oeiras
Cantar a nova glória,
Do magnânimo Conde, o amor da pátria!
Se o raio luminoso
Por sobre ele brilhou com que tu mostras
A constante justiça,
O valor e a prudência, ouça meus versos.

EPODO

Não me instiga a lisonja; não invoco
As Musas fabulosas;
O Céu, o Céu m'inspira: da Verdade
Os trovões e relâmpagos me cercam.
O intrépido zelo,
O florente comércio, a paz dourada,
Não são cinzas de Tróia ou de Cartago.

ESTROFE

Vinde, sonoros hinos, sobre minha
Cítara ditosa
Batei as brancas asas!
Fremam, caiam de Alcides as colunas!
Pelos etéreos campos
Das que vos trazem rápidas carroças
Ouço gemer as rodas,
Dois luminosos círculos abrindo!

ANTÍSTROFE

Que mais fiel Sibila que a experiência?
Não fala, não responde,
Sem do profundo abismo,
Evocarmos a sombra de Tirésias?
Testemunhas maiores
São de tuas acções, sábio Ministro,
O Trono defendido,
A Pátria restaurada, e nós felizes!

EPODO

As nove ricas pérolas que brilham
No coronal dourado,
Que teu semblante plácido guarneçam,
Por prémio te são dadas, não exemplo.
Virtudes coroam,
E Virtudes impávidas domaram
A cruenta Discórdia, a vil Cobiça.

ESTROFE

Mas negro fado, que árbitro se julga
De impérios e cidades,
Temia erguer Lisboa,
Coroadada de mil torres, a cabeça;
As artes e ciências,
À sombra de teu nome, receava
Da bárbara ignorância
Os pesados grilhões despedaçarem.

ANTÍSTROFE

Bramir já via justamente atada
Em ferros vergonhosos
C'o rosto descorado
A perversa doutrina abominável;
Nas cerúleas espáduas
Erguer o Tejo mil rompentas quilhas,
E respeitar Arcturo
As sagradas bandeiras lusitanas;

EPODO

Abrir o Grão Pará os fulos braços,
E em seus verdes cabelos
Roxos corais e aljôfares atando,
Nas douradas manilhas ler teu nome;
C'o farpado tridente
Que ergue a já livre mão, lançar por terra
Os nefandos altares da avareza;

ESTROFE

As santas leis, magníficos projectos,
O público sossego,
O reino venturoso,
Com cruéis olhos via o triste Fado!
Oculta providência
Cevar-lhe permitiu em nosso sangue
As áridas entranhas:
Não valeram incensos nem altares.

ANTÍSTROFE

Já o fatal decreto a mão potente,
Justiceira, rubrica;
Procélosos vapores
As convulsas cabeças levantaram,
Dos cárceres terrenos
Abalaram indómitos os muros,
E aos hórridos bramidos
Estremeceu a mísera cidade!

EPODO

Estremeceu a serpe triunfadora,
Que, no real escudo,
Tantas vezes voou sobre as profanas
Despedaçadas luas agarenas!
Silvou espavorida
Nas escamosas asas mal segura:
Tão mudada ficou a natureza!

ESTROFE

A pávida Lisboa desgrenhada
Em negra cinza envolta,
Vendo os reais castelos
Caírem-lhe na frente destroçados,
Em ti fixou os olhos,
Os olhos em ti pôs, ilustre Conde!
Em ti que sacrificas
À pública saúde teu cuidado.

ANTÍSTROFE

Qual a casta Penélope, chegando
À pátria saudosa
O desejado Ulisses,
Os traidores amigos não temia,

Da simulada teia
Larga a tarefa, as lágrimas enxuga,
Assim, assim Lisboa
Em teus braços descansa, em ti confia.

EPODO

Nos grandes p'rigos brilham almas grandes,
Tindáridas estrelas
Que, na força da negra tempestade
Aplacaram o furor das bravas ondas:
O piedoso Eneias,
A poucas cinzas Tróia reduzida
O pai salvou, amigos e penates.

ESTROFE

Clamar ouvimos a infeliz cidade
Aos altos céus erguendo
As mãos enfraquecidas;
Ainda os ecos ouvimos destas vozes:
«Se em tuas santas aras
«Puro incenso queimei, Senhor, guardai
«O constante Ministro,
«O defensor do lusitano Augusto!»

ANTÍSTROFE

Assim aflita, assim a pátria ilustre
Por ti ao Céu clamava!
Os pólos abalaram
C'um tremendo sussurro respondendo!
Desceu celeste chama
Sobre os destroços dos caídos templos;
E recobrada esperança,
Agoirou mil venturas do presságio.

EPODO

Ainda guardadas tenho, excelso Conde,
Em minha rica aljava
Mil refulgentes setas que podiam
Os olhos assombrar do torpe vulgo;
Porém da mão me arranca,
Não sei que força, a cítara soberba!
Mas quem há-de calar a tua fama?

ESTROFE

No Ménalo, se Arcádia não levanta

Em honra de teu nome
Uma soberba estátua
De rico jaspe, como tu mereces,
Seus hinos te consagra,
E neles viverá tua memória.
Teu nome escreveremos
Em nossos corações, em nossos versos.

ANTÍSTROFE

Dirceus hinos que sobre as áureas liras
Lançais eternas luzes,
E ao som de ilustres nomes,
Espalhais da Virtude os resplendores,
Vós a lúbrica fouce
Tirais da mão do Tempo, e derramando
O volúvel relógio,
Senhores vos fareis da eternidade!

EPODO

Não ergue a mão cruenta a fria Morte
Contra sonoros versos!
Em vão levanta templos e colunas
Quem da pátria os louvores não merece.
Teu zelo incontrastável,
Tuas acções ilustres cantaremos!
A macilenta Inveja
As víboras cerúleas despedace!

XXXII

O Suicídio

Rompa-se embora do estelante assento
A máquina lustrosa;
Conspire-se em meu dano a terra toda
E a Fortuna perversa;
Mil duras portas de pesado ferro
Sobre mim se aferrolhem;
E agrilhado ao carro do triunfo
Me leve algum tirano:
A negra Fome, a sórdida Penúria
Vão-me escoltando os passos;
Sobre deserta inabitada praia
Me ponha a Tirania;
Agudos dentes de raivosas feras
Contra mim se aparelhem:
Risonho, alegre, intrépido, constante
Me há-de ver o Universo,
Enquanto em mil pedaços se despenhe,
E me afogue em ruínas.
Lá sai, lá corre de ignorado mundo
Um espectro medonho,
Mas agradável à Romana gente
E ao Bretano inflexível,
Dos heróis divindade: eis o Suicídio,
O refúgio dos sábios.
Sanguinoso punhal na mão sustenta,
O escudo da desgraça
Com que se opõe à tirania infame,
À inveja e à soberba.
Sobre montões de desmembrados corpos,
Sobre abatidas águias
Em tristes restos de estandartes rotos,
Entre extintos soldados
Que em vão a Pátria libertar procuram
Das mãos da tirania,
Lá vejo estar com intrépido semblante
O magnânimo Bruto,
Que nos sanguíneos campos de Felipes
Fica vencido e roto,
Mas que um triunfo mais altivo e nobre
Já de si mesmo alcança,
Com que as correntes ríspidas suplanta
Do ditador soberbo.
Porque Roma não sirva, a César mata;
Com o mesmo duro ferro,
Porque a César não sirva, expira Bruto.

Eis como a liberdade
Do tirano e da morte, Bruto alcança
Nos campos de Felipes.
E o génio tutelar da infeliz pátria,
Em Útica expirante,
Por que ao duro Pompeu não sirva, morre.
As faixas despedaça,
Que as feridas tapam do sagrado peito:
Nunca é Catão mais forte!
No quente banho Séneca, expirando,
Vence o pérfido Nero.
Doce refúgio de fatal desgraça,
Eu te abraço contente;
Tu és o meu escudo impenetrável
Contra empenadas setas
Que a indigência e penúria em vão disparam.
Todos podem a vida
Tirar ao homem na mesquinha terra:
Ninguém lhe tira a morte.

XXXIII

A uns anos de uma Senhora inglesa

Amada lira minha, se algum dia
Cobiçosa de fama
As estridentes velas desfraldaste,
E no cerúleo golfão
Por sibilantes Notos açoitada
Impávida surdiste;
Se desejas que aos séculos vindouros,
Livre da negra inveja,
Tua glória imortal chegue triunfante
De astros mil c'roadada:
Cantemos de Marília o nascimento,
Da formosa Marília
Que as cândidas virtudes abrigando
No peito generoso,
Do angélico semblante os resplendores
Inda faz mais brilhantes.
Em seus olhos gentis a Formosura
Os corações pisando
Despedaça de Amor as cruas setas,
Subjuga o fatal Nume.
Diz-se que um dia o Tâmas soberbo
Ao fulvo pátrio Tejo
Acusou de roubar-lhe a ilustre glória
De ver em suas margens
Raiar os lindos olhos de Marília
E dar-lhe o claro berço
Em Britânica terra. Exasperado
Vociferando vinha
O rio, e tão queixoso que três vezes
Traçando furibundo
O farpado tridente cristalino
Com o dourado conto
Bateu na lusa areia; desmaiadas
As Tágides mergulham
As limosas cabeças na alta veia;
Porém alegres surdem,
Vendo surcar as águas a áurea concha
Que férvidos tiravam
Prateados delfins onde Marília,
Com engraçado rosto
Que os mares acendia, serenava
Dos rios a contenda.
Ambos por sua Tétis o juravam,
Ambos em seus altares
Depuseram humildes os tridentes,

E em fausta branca pedra,
Contentes e ditosos, assinalam
O dia de seus anos.

XXXIV

Ao SS. Natal

ESTROFE

Espírito celeste, que pesado
Em seis brilhantes asas
A profética língua de Isaías
C'uma brasa do altar purificaste,
Acende em minhas vozes
Aquele som terrível que de ouvi-lo
Estremecem os montes e as cidades.

ANTÍSTROFE

Em profundo silêncio sumergida
Ouça a Terra meus hinos,
Ouçam-me os Céus, e cantarei o grande
O santo Nome do Senhor, do Forte,
Do Justo e Desejado,
Do Príncipe da paz, Filho do Eterno,
Pai do suspirado século futuro.

EPODO

Alçai os tristes olhos,
Vós filhas de Sião, das alvas testas
A cinza sacudi; com mão devota
Lançai no casto fogo
O incenso de Sabá; puras chamas
Ardam no livre cume do Carmelo.

ESTROFE

Uma Virgem pariu, fez-se Deus Homem,
O Salvador já chega;
Do tronco de Jessé rebenta a vara
Nas incorruptas folhas; já se sente
O espírito divino
E na sagrada rama já descansa,
Entre nuvens de luz, mística pomba.

ANTÍSTROFE

Os montes debruçados já destilam
De leite e mel correntes.
Os vales já se encurvam, já levantam
Suas longas planícies; já verdejam

Os íngremes penedos;
Âmbar Saron respira, já se encobre
Entre nuvens de aromas abrasados.

EPODO

Chega o dia do Eterno
Chove dos céus o Justo, abre-se a Terra
E brota o Salvador: a Paz estende
O ramo de oliveira
Sobre a face do mundo, e ao mundo desce
Pela mão da Inocência, a sã Justiça.

ESTROFE

Os montes de Israel os altos ramos
Alegres estenderam
De flores e de pomos carregados.
Os cedros já no Líbano se humilham,
Os ventos se calaram,
As insofridas ondas sussurrando
Não brada o negro mar na ruiva praia.

ANTÍSTROFE

Vem divino Infante, vem que a Terra
Já se abriu, já te oferece
Suspirando por ti, já sem trabalho
Do cansado cultor, seus doces frutos,
Tenras mimosas flores
Já nascem para ti nas toscas grutas
Que as cerúleas serpentes habitavam.

EPODO

Entre as áridas penhas
Já ferve a branca espuma, e já rebentam
Com doce murmúrio as limpas fontes.
Aos ares se levantam
As verdes canas, os delgados juncos
Que ao fresco som do zéfiro sibilam.

ESTROFE

Com o cordeiro que a doce relva corta
O cerval lobo pasce;
Os indomáveis ursos misturados
C'os domados bezerros juntamente
Na clara areia bebem;
Do quieto leão simples pastora

A corada melena entrança e ata.

ANTÍSTROFE

O inocente menino, namorado
Das inconstantes cores
Que as mosqueadas conchas reluzentes
Da víbora matizam, sem receio
Co'a a fraca mão apalpa,
E nos delicados membros enroscada
Lhe quer lamber a planta a serpe amiga.

EPODO

Vem ó divino Infante,
O trono de David por ti espera,
Vem as gentes julgar, já soa a terra
Com o tropel feroso
De teus rijos cavalos, das carroças
Que tem nas rodas de Aquilão as asas.

ESTROFE

A dura Guerra de armas carregada
Já foge espavorida,
Com medonho tropel pisa a campanha;
Tocando férrea malha, o liso escudo
No fundo vale soa.
Os tambores, os pífanos não chamam
Cerrados esquadrões para a campanha.

ANTÍSTROFE

No deserto uma voz está bradando,
Com ela o Jordão clama
Que vem Deus, que vem Deus. As fráguas dizem
Deus. Deus, no monte as árvores repetem.
Que Deus ao mundo desce
Co a força da alegria estremecendo
Os pinheiros do Ménalo respondem.

XXXV

Depois de largo tempo, Amor, me veres,
O pé dos cepos livre,
No regaço da paz dormir quieto
Me moves nova guerra?
Que me deixes te peço, que me deixes,
Que para o duro peito,
Com trabalhos cruéis endurecido
Na sanguinosa pedra,
As alígeras farpas não amoles.
Já não sou, já, qual era,
Quando reinava a cândida Leucipe.
Passaram tão bons dias!
Não queiras atear inútil flama
Em pouca árida cinza,
Que os gelos de oito lustros esfriaram.
Despreza as leves penas,
Vai-te, cruel. Acode onde te chamam
Os fêrvidos suspiros,
Os brandos rogos de gentis mancebos.
De Tirse na cabana
Mole altar acharás. Ali devoto
Arábicos incensos
Queima com farta mão; da roxa pira,
Vagando, o crespo fumo
Entre festões de mil cheirosas flores
Lambe o travado colmo.

XXXVI

Que bem fizeste tu, caro Macedo,
Quando com valoroso ânimo forte
Fugiste ao mundo que eu julguei ser cedo.
Se te seguisse a ti da mesma sorte
Agora me acharia sossegado,
Sem medo ter do inferno nem da morte.
O povo português vira assolado
Arrasada Lisboa populosa
Sem ter fazendas em que ter cuidado.
Saíste na manhã clara e formosa
E por isso chegaste antes da noite.
Gastei na cama a tarde preguiçosa;
Não tenho quem me guie, nem m'acoite.
Apanhou-me no meio da jornada
O furibundo golpe deste açoite.

XXXVII

De Pafos nos altares agradáveis
O mimoso Cupido,
Quando da clara mãe está nos braços
Gozando mil delícias,
Não está mais contente e mais gostoso
Do que eu, quando estou vendo
Os teus olhos gentis, formosa Tisbe.
Que amoroso deleite!
Que gostoso prazer! Que doce glória
Me conduz ao transporte
Deste amoroso ardor em que me abraso!
Quando oiço a voz suave
Que sensível se mostra aos meus afectos,
E vejo o riso brando
Com que aceitas de Amor os doces mimos;
Então, contente clamo:
– Deixa, ó Cupido, os braços amorosos
Da bela Citereia,
Deixa os mimos que gozas, quando alegre
Descansas no seu peito:
Vem buscar nos da minha amada Tisbe
Prazer mais deleitoso. –
O quanto sou feliz, pois logro, amante,
A glória incomparável
Que até o mesmo Amor invejar pode!

XXXVIII

Quantos, Noronha ilustre, vão surcando
O alto mar, expondo a cara vida,
O ouro conduzindo que ajuntara
A sórdida cobiça.

Quantos a longa espada ensanguentando
No bélico combate se enfurecem,
Esfaimados leões do sangue humano
Devoradores monstros.

Para cingir a mitra guarnecida
De ricas pedras na rugada frente,
Desde a primeira idade perde as noites
O sábio Canonista.

Em douradas berlindas atropela
A plebe humilde, na veloz carreira,
O rico mercador que a antiga infâmia
Escurecer pretende.

Ali sobem soberbos edifícios
Que o pródigo herdeiro vai ornando
Do itálico mármore, que o Tempo
Devorar nunca pode.

Em andaluzes potros esgrimindo
No largo circo as agudas lanças
O valente mancebo vai gastando
Floridas primaveras.

Ligeira lebre os galgos perseguindo
Espumantes cavalos vão correndo,
Qual nos olímpicos jogos se decerta
A c'roa merecida.

Nada, Noronha ilustre, me convida
Mais do que ler Virgílio, Homero e Tasso,
O grande Brito, o Sousa esclarecido,
Resendes, Barros, Teives.

Ir c'ó lápis no quadro debuxando
Dos Lápitas cruéis a antiga história
E de Medusa a frente vingadora,
Me agrada e me recreia.

Mais que as grandes riquezas do Oriente,
Do grande Rafael invejo aquele

Divino engenho que os homens eterniza
Nas sublimes pinturas.

Se meus versos e cópias receberem
A vossa aprovação, douto Noronha,
Coroadada de louros minha frente
Chegará às estrelas.

XXXIX

Aquele que guiado da Virtude
Ao templo da suprema Eternidade
Sobe, armado da rígida constância,
De indómita coragem,

Com plácido semblante abre o caminho
Por entre rudes sarças espinhosas,
Por escarpados, rígidos rochedos
Da íngreme montanha,

Não lhe fazem torcer o firme intento
Agudos uivos de roazes lobos,
Nem de torvos leões roucos rugidos,
Nem serpes sibilantes,

Nem ver o ar, ardendo em viva brasa,
Estridentes coriscos arrojando,
Nem ver a terra, até o inferno aberta,
Chamejando horrorosa.

Em vão com doce canto e meigas *vozes*
Mil Sereias risonhas lhe oferecem
Honras, tesouros, ceptros e privanças,
Deleites infinitos.

Em vão lhe mostram com sagaz porfia
Frescos jardins, palácios majestosos,
Com opíparas mesas, rodeadas
De flores impudicas,

Pois que, sem arredar da via um passo,
Qual se de rijo bronze o peito houvera,
Tapa os ouvidos, cerra a tudo os olhos,
Inteiro, inexorável.

Soa-lhe na alma a voz da sábia guia,
Que a glória dos maus lhe representa
Como a luz do relâmpago nocturno
Rápida e temerosa.

Quando o almo esplendor do varão justo,
Inda apesar das sombras da pobreza,
Bem como o sol sereno e radioso
Vivifica, esclarece,

Saia embora do Averno à luz do dia
De víboras c'roadas a torpe Inveja,

De calúnias, traições, fraudes, conluios
Armado o peito impuro.

Com a boca pestífera bafeje
Da sua vida a cândida inocência;
Sim a pode embaçar por algum tempo,
Porém não denegri-la.

Por meio destes riscos e contrários,
Sempre igual na tormenta e na bonança,
Lá chega enfim ao cume da montanha
Gozar a paz eterna.

Desta têmpera o ínclito Pacheco
O nobre coração tinha forjado
Quando entrou pela foz do flavo Tejo
Com as mãos ferrolhadas,

Aquelas mãos que exércitos rompentes,
Fortes armadas, tudo desbaratam,
E de Cochim indómitas sustentam
O vacilante império.

Aquelas mãos de quem ainda treme
A altiva Calecut, desprezadoras
De ouro, pérolas, mandos e grandezas
Por ser fiéis à pátria.

C' o mesmo rosto plácido caminha,
Entre duros lictores conduzido,
Qual mostrara nos tempos venturosos
Do ingrato rei ao lado.

Ah! que em vão a Verdade, dissipando
As sombras da cruel maledicência,
Lhe espedaça os grilhões e o mostra ao mundo
Qual fora sempre, intacto.

Pois a pesada mão da Desventura
De tal sorte a seus pés o acurva e pisa
Que no seio da mísera pobreza
Acaba o grão Duarte...

Elísia dura, entranhas de rochedo,
Como assim desamparas um tal filho,
Por quem sobre as cidades mais ilustres
Alças a frente altiva?

Jaz Pacheco... Mas seu augusto nome,
A desp eito da morte sanguinosa

E a fúria cruel do voraz Tempo,
Será famoso e eterno.

Sempre te chorarão o Tejo e o Ganges,
Honrado herói, enquanto no Universo
O luzido rebanho das estrelas
Apascentar Apoio.

XL

Ah! de que importa que o furor métrico
À fama entregue varões magnânimos,
Que em seu louvor a Musa
Hinos entoe e cânticos?

Que importa deixe seus nomes célebres
No incauto ouvido do povo bárbaro,
Se toda a humana glória
Foge à voz fera de Átropos?

Apenas soa do ferro rígido
Nos vitais fios o golpe rápido,
Ou voe a alma ao Olimpo
Ou se abisme no Báratro,

Fica insensível o valor ao estrépito
De épica tuba, plectro pindárico,
Como à voz das Sereias
O astuto Grego errático.

Se ao claro sobe Trono beatífico
Mal a esse excelso de gostos âmbito
Se atreve das profanas
Musas o voo lânguido.

Se desce aos negros países horrídeos,
Neles só se ouve o estrondo do látego
Que cônscios de seus crimes
Temem os Manes pálidos.

Ou quando brada Flégias misérrimo
Por entre as sombras mudas do Tártaro:
«– Aprendei a ser justos
E a temer o Deus Máximo.»

É prémio inútil a fama póstuma:
Os varões grandes devem ser ávidos
Só de unir-se à Virtude
Em firme, amante tálamo.

Santa Virtude que, os olhos fúlgidos
No céu sereno fixos e extáticos,
Consigno os votos todos
Leva dos nobres ânimos,

Que dos heróis delícia é única
E com as luzes do rosto cândido

Lhes rompe as negras nuvens
Lhe abranda os Euros e Áquilos.

Neste vil mundo mal vista hóspeda
Como nascida no império diáfano
Só no peito dos justos
Refúgio encontra plácido.

Desconhecida do Frígio prófugo
Que à infelice Dido fogo mais trágico,
Mais voraz, mais ardente
Trouxe de Tróia náufrago.

Que autorizando guerra ilegítima
Com duvidoso, não justo oráculo,
Mezêncio e Turno imola
Já rendidos e inválidos.

Desconhecida do império indómito
Do fero aluno de Quíron mágico,
Que de Heitor já sem vida
O corpo arrasta esqualido.

Que inundando de horrendos cúmulos
O Xanto, aflito, de mortos Dárdanos,
Faz que do próprio leito
Fuja aos vizinhos páramos.

Ou desse insano, de quem Demócrito
Teme que aos mundos não seja escândalo,
A cujo aspeito o Orbe
Emudeceu atônito.

Oh! Se sobre ele, que o estrago horrído
Levava ao Indo lá desde o Grânico,
O Oceano subisse
Ou se abatesse o Cáucaso!...

Cessem as Musas de em canto harmónico
Exaltar esses nobres linfáticos
Que, quais raios, só brilham
Quando destroem rápidos.

Do nosso Augusto já com voz trémula
Levem os faustos, sublimes hábitos
Desde esse Ártico pólo
Até o pólo Antártico.

Quando reprime cegos hipócritas
Que crêem por actos cruéis, fanáticos

Achar a Deus piedoso,
Fáceis do Céu os áditos.

E avaros deixam, por reter sórdidos
Os bens que a morte rouba fantásticos,
Gemendo os consanguíneos
Da pobreza no pântano.

Do nosso Augusto, que da de Rómulo
Soberba injusta rompe os parágrafos
Que liberdade iníqua
Dão da morte os preâmbulos.

Que à Natureza dando a mão próspera
Prudente livra dos grilhões ásperos
Que a despojavam duros
De seus direitos válidos.

Do nosso Augusto, cujo benéfico
Peito, de Astreia fiel receptáculo,
Mais certos que os de Témis
Justos difunde oráculos.

Transcrição de Fernando Moreira baseada na edição de 1778 e na edição de Roma, confrontadas com a edição de António José Saraiva (Lisboa, Sá da Costa, 1958). Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
